
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, chegamos a algumas considerações que confirmam as nossas hipóteses preliminares, mas que, ao mesmo tempo, nos instigam a novos questionamentos como uma constante de produção do conhecimento. Assim como a feira é montada e desmontada, ela também se transforma nesse processo, agregando mais elementos da dinâmica econômica, social e cultural e, deste modo, o que realizamos foi a apreensão de um dado momento.

Pressupomos que está havendo uma metamorfose das feiras nordestinas com a explosão da confecção nesse modo de comércio. A confecção tornou-se atualmente no Nordeste brasileiro um meio de sobrevivência para grande parcela da população trabalhadora que tem nessa atividade seu principal meio de produção e reprodução da vida.

A feira livre, antes marcada pela comercialização de produtos agrícolas e regionais, dá lugar ao comércio do vestuário com a reafirmação ou formação de centralidades, da intensificação dos fluxos de mercadorias, pessoas, capitais etc. As feiras estudadas reforçam essa asserção, contudo, chegamos à conclusão de que a metamorfose das feiras livres nordestinas não pode ser entendida apenas na esfera da comercialização, pois esta não se realiza sem a produção e o consumo. Estas correspondem às fases de valorização do capital. “O Capital só existe

como capital à medida que percorre as fases da circulação, os diferentes momentos de sua transformação para poder recomeçar o processo de produção [...]” (MARX, 2011, p. 451). Há intrínseca simbiose entre a explosão da confecção na feira e a expansão da produção confeccionista que, mesmo não sendo uma nova maneira de produzir (facção, pequenas unidades fabris etc.), ela se expande de tal maneira a ponto de absorver grande parte dos trabalhadores que estão fora do dito mercado formal de trabalho. Os pequenos agentes inseridos na produção capitalista, que agem nos interstícios da grande produção, também são convocados a reestruturar seus modos de vida. E isso inclui os modos tradicionais de comércio da feira livre no Nordeste brasileiro.

Ao mesmo tempo em que as etapas e/ou fases de valorização do capital acham-se imbricadas, o feirante perambula de feira em feira, de modo a garantir a sua reprodução como trabalhador; as relações não se restringem mais como nas antigas feiras, tão comentadas no corpo deste trabalho, entre o campo e a cidade, mas entre cidades diferentes, ou seja, entre os polos produtores, onde são adquiridas as mercadorias e as pequenas e médias cidades onde são comercializadas em feiras. Novas geografias se constituem e, nesse contexto, a implantação de sistemas técnicos, além de outros signos modernizantes que chegaram à região Nordeste, nas últimas décadas, foram imprescindíveis para viabilização dos fluxos de mercadorias e pessoas nas feiras.

Toda essa modernização envolvendo a produção e o comércio da confecção não impede a formação de aglomerações precárias por outros sujeitos que se inserem no espaço da feira. Paralelamente, novos espaços de comércio da confecção afloram, reproduzindo o modelo das feiras livres de acordo com a lógica da propriedade privada. Esses espaços são constituídos por centros comerciais implantados mais recentemente e fundamentados em um discurso de remoção dos feirantes das ruas para situá-las em espaços padronizados e submetidos ao pagamento de taxas e regimes condominiais. Os exemplos mais expressivos são o Moda Center Santa Cruz, no Município de Santa Cruz do Capibaribe, e o Parque das Feiras, no Município de Toritama, ambos no Agreste pernambucano. No Ceará, esse formato está em curso, pois o comércio de confecção de rua ainda está concentrado na emblemática feira da Rua José Avelino, que se espria por várias ruas do Centro de Fortaleza. O alcance dessa feira não se restringe apenas à escala local, pois recebe compradores de vários municípios cearenses e de outros estados do Brasil. Em nossa pesquisa sobre a feira do Aprazível, podemos constatar que ela é uma extensão da feira da Rua José Avelino.

A permanência da feira na Rua José Avelino produz embates entre os feirantes e o poder público municipal, ao entender que a feira deve ser removida

daquele local. Acompanhamos a luta desses feirantes em permanecer ali, uma vez que há a intenção de aloca-los em outros espaços edificadas, por uma lógica privatista, entretanto, em que todos são orientados a adquirir um boxe.

A feira de Caruaru também passa por conflitos dessa mesma ordem. O debate na cidade diz respeito à saída da feira do Parque 18 de Maio para outra área às margens da BR-104. A urbanista Raquel Rolnik, em palestra proferida em Caruaru, manifestou posição contra o projeto de remoção da feira, haja vista que tal ação destruiria a feira, que é um dos principais marcos identitários da cidade e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. Na opinião da estudiosa: “A feira de Caruaru é a alma de Caruaru. O Brasil e mundo conhece Caruaru por sua feira e essa feira não é apenas um lugar de comércio, mas é um lugar de produção cultural, e um lugar de trocas [...]” (ROLNIK, 2015).

As feiras livres “tradicionais”, conforme aprendemos a identificar e valorizar, vão perdendo, assim, seus traços característicos e o suporte da atividade vai-se tornando inviável para muitos feirantes. A característica principal da feira é o comércio temporário na via pública (ruas e praças) e essa espacialidade é ameaçada, à medida que se impõe ao feirante a mesma lógica dos espaços de circulação privatista dos *shoppings centers*. A feira livre deve ser protegida e resguardada como prática espacial de um povo. O assunto reclama uma discussão posterior sobre patrimonialização da feira como prática espacial, à medida que ela não pode ser sufocada e marginalizada. Muitas vezes a feira é estigmatizada como reduto de criminalidade, contribuindo para justificar sua retirada.

De fato, há uma compreensão da feira livre como algo negativo em relação à lógica contemporânea dos espaços urbanos das cidades médias e metrópoles nordestinas. A feira é aglomeração, é fixação, embora seja temporária; e a cidade, na sua versão moderna, além de uma grande aglomeração, é composta por fluxos. De tal sorte, a feira tornou-se um obstáculo ao fluxo citadino. Mais do que um conflito de formas, o que vemos é um conflito de noções de cidade, de urbano e da feira, pois, mesmo uma feira na periferia de uma cidade nordestina, pode guardar aspectos da feira medieval, ainda que nela possamos encontrar produtos industrializados como eletroeletrônicos que são trocados por outros produtos. Sem utilidade para o segmento da sociedade de maior renda, mas mediante reparos e em bom estado de funcionamento, os produtos trocados passam a ter valor de uso e de troca também e voltam a ser comercializados no espaço da feira.

A feira de Serrinha/BA, por exemplo, é alvo de debates entre feirantes e representantes de entidades públicas e privadas em torno da sua retirada do espaço

da praça para alocação em um camelódromo a ser construído em outra área da cidade, perdendo, assim, a essência de feira, ou seja, de comércio de rua. Nesse caso, a feira de confecção, em virtude da sua capacidade de aglomeração de um público de origem local/regional, poderá contribuir para a valorização dos terrenos próximos à área onde será instalada.

Diferentemente dos tempos de Gilberto Freyre, quando o sertanejo se deslocava para as feiras das cidades grandes, como o Recife, a fim de comercializar a produção agrícola de sua propriedade, a safra de grãos, o utensílio fabricado artesanalmente etc., hoje verifica-se que são as pessoas que se deslocam para a região do Agreste a fim de comprar a confecção na feira. Desse modo, Caruaru, com sua feira, atraiu para si a centralidade da produção e do comércio de confecção. No período atual, sucede um caminho inverso, ou seja, aquele em que são os compradores de cidades grandes, mas não somente delas, que se deslocam para as cidades do Agreste com a finalidade de comprar roupas e acessórios.

As feiras de confecção revelam outra dinâmica que não se restringe somente às grandes cidades, polos regionais, uma vez que elas se distribuem por muitos municípios interioranos, ensejando centralidades, influenciando, sobremaneira, a dinâmica socioespacial desses núcleos urbanos, dinamizando fluxos de pessoas, capitais e mercadorias e fazendo com que espaços antes pouco permeados pelo capital passem a se submeter, mesmo que em parte, à sua lógica.

Enfatizamos a relevância regional deste estudo, tendo em vista que a produção da confecção em microunidades produtivas contribui para a dinâmica econômica e social da região Nordeste, de acordo com o que podemos constatar com a pesquisa de campo nas feiras dos Estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. As feiras de confecção, conforme estamos denominando, tornam-se, no período atual, *locus* do comércio de produtos industrializados que estabelecem novas articulações e interações espaciais em várias escalas, não se restringindo mais à sua área de influência.

Não obstante, a formalização de espaços destinados ao comércio realizado pelos feirantes, novos espaços (públicos ou mesmo privados) vão sendo apropriados e/ou utilizados por vendedores de confecção que estão fora dos espaços convencionais, formando-se, assim, novas aglomerações precárias que, por sua vez, vão requerer o *status* de feira, num movimento dialético ligado à lógica de produção e reprodução da vida.

Reafirmamos a importância desta pesquisa sobre as transformações da feira nordestina, que passa, evidentemente, pelo entendimento de como essas mudanças estão relacionadas à economia-mundo, globalizada, ao se procurar revelar

a articulação entre as feiras e os modos capitalistas de produção, mormente ao uso de matérias-primas, tecnologia, moda, transações financeiras, dentre outros.

Compreendemos que esta não é uma questão acabada, pois sempre outras surgirão. À metamorfose dessa forma de comércio, no período atual, indagamos: em que medida a feira de confecção atual tem mais relação com a feira nordestina que vigorou até os anos 1950, portanto, que antecede a industrialização brasileira, do que essa feira tem a ver com a medieval? A feira permanecerá? O que ela virá a ser?

